

PASSARELA DO SAMBA - AVENIDA MARQUÊS DE SAPUCAÍ - CATUMBI/PRAÇA XI DE JUNHO

Os trabalhos mais recentes de Oscar Niemeyer, em oposição a seus trabalhos iniciais, caracterizam-se pela escala monumental, e são sempre ponto focal de polêmicas acirradas. A Passarela do Samba, primeira obra dessas proporções no Rio, veio substituir o tradicional monta-desmonta das arquibancadas para o carnaval. Além da passarela, o “Sambódromo” inclui escolas para 16 mil alunos, Museu do Carnaval e Praça da Apoteose, introduzida como inovação nos desfiles, com espaço para festivais e atividades culturais.

A configuração peculiar do terreno interferiu no partido e na definição da implantação: de um lado da avenida foi implantado um longo bloco de camarotes e, do outro, as arquibancadas, separadas em seis blocos de 30m sobre pilotis para permitir ao povo acompanhar o desfile em toda sua extensão (na verdade, este espaço passou a ser ocupado por cadeiras, de comercialização garantida). O final da passarela se abre numa grande praça, a Apoteose, coroada com um arco que assinala o fecho da composição e sustenta o equipamento de som.

O concreto, elemento fundamental na arquitetura de Niemeyer, foi adotado em elementos pré-fabricados, viabilizando prazos reduzidos de execução. No caso em questão, a obra foi inaugurada em princípios de março de 1985, depois de apenas 120 dias de construção. A pista de desfiles mede 50m x 700m, totalizando 35 mil m². A Praça da Apoteose possui 300m de extensão e 24 mil m² de área. As arquibancadas podem conter um máximo de 86 mil pessoas sentadas. A área total de construção atinge a 65 mil m². A altura máxima das estruturas atinge 18m (altura de um prédio de seis andares). 10 mil pessoas são necessárias para mantê-la funcionando nos quatro dias de carnaval. 16 ruas são fechadas nessa ocasião. Quatro passarelas de pedestres são retiradas para passarem os carros alegóricos. Quatro meses de preparação são necessários para funcionar os quatro dias de carnaval. Os cabos elétricos para iluminação da pista atingem 17km se enfileirados. Foi calculista da obra o engenheiro José Carlos Sussekind. Dirigiu a construção o engenheiro Luís Otávio Brizola.

A construção foi executada sob consórcio de várias empresas, em especial a Mendes Júnior, Carioca, Erevan e Presidente.

OSCAR NIEMEYER SOARES FILHO - DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu no Rio de Janeiro em dezembro de 1907, filho de pais abastados, com tradição de grandes engenheiros na família. Arquiteto, diplomou-se em 1934 pela Escola Nacional de Belas Artes. Trabalhou inicialmente no escritório de Lúcio Costa, como desenhista. Fez parte da equipe que, à partir de 1936, projetou o prédio do Ministério da Educação, Cultura e Saúde Pública, partindo de um estudo de Le Corbusier. Chefiou essa equipe a partir de 1939, em substituição a Lúcio Costa, com quem projetou, no mesmo ano, o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York, tendo colaborado nesse projeto o arquiteto Paul Wiener. Executou os projetos para o bairro da Pampulha, em Belo Horizonte: Capela, Cassino, Casa de Bailes e

late Clube, entre 1942 e 1943. Projetou o Grande Hotel de Ouro Preto (1940) e o Colégio de Diamantina (1943), para o SPHAN, numa tentativa ousada de combinar o mais precioso conjunto de arquitetura colonial com a construção moderna. O arrojo da plástica e a originalidade da concepção já eram, então, características marcantes da obra de Niemeyer.

Projetou e executou o Hospital da Sulamérica (1949); sua casa nas Canoas (1951); conjunto do Parque Ibirapuera, em São Paulo (1951/54), para as comemorações do IV Centenário da capital paulista; Museu de Arte Moderna, em Caracas (1953); Quarteirão Hansa, em Berlin (1955); além de muitíssimos outros projetos no Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Foi o autor dos grandes conjuntos de Brasília: Palácio do Planalto, Palácio da Alvorada, Supremo Tribunal Federal, Palácio do Congresso, Ministérios, Palácio Itamaraty, Catedral, Universidade, Teatro Nacional, blocos residenciais, etc., (1957-1967); e, em época mais recente, o Memorial JK, em 1983.

Impedido de trabalhar pelo regime militar, auto-exilou-se na Europa em fins dos anos sessenta, tornando, por sua vez, sua obra universal, com construções na União Soviética, França, Itália, Argélia, Angola, Israel, Portugal, etc. Retornando ao Brasil na década de setenta, recebeu muitas encomendas, principalmente no Estado do Rio de Janeiro: CIEPs (1983-92), com mais de cem construídos; Sambódromo (1983-84); bem como projetos menores, casas, monumentos, o belíssimo Museu de Arte Contemporânea, de Niterói (1995-97), considerado por ele mesmo sua obra prima; e o Memorial da América Latina, em São Paulo (1996-98), onde expõe, no concreto sem revestimento, de maneira artística e crítica e na cidade mais rica da América Latina, toda a opressão sofrida por este continente em séculos de colonialismo e exploração.

É considerado pela crítica mundial como o maior arquiteto vivo do ocidente, bem como possuidor de obra mais vasta. É também refinado escritor, artista plástico, designer e desenhista. Em suas obras, justifica a falta de funcionalidade em alguns projetos informando ser a criação da beleza a principal função da arquitetura. Ainda trabalha muito, não poucas vezes sem cobrar, principalmente se o projeto possui cunho social.

IGREJA MATRIZ DE SÃO FRANCISCO XAVIER DO ENGENHO VELHO – RUA SÃO FRANCISCO XAVIER – ENGENHO VELHO

A Igreja Matriz está situada na Rua de São Francisco Xavier, sob a invocação do padroeiro da freguesia, em um belo templo reconstruído em 1870 sob as expensas do Duque de Caxias. A antiga Capela de São Francisco Xavier foi construída de 1582 a 1585, entre o rio e o morro da Babilônia, pelos padres jesuítas, possuidores da fazenda do Engenho Velho ou Engenho Pequeno, como era também conhecida. Foi depois reconstruída em 1795, ano em que, por Alvará de 22 de dezembro, entrou o Engenho Velho na série de vigararias perpétuas, sendo-lhe então concedido o título de paróquia. Data de 11 de abril de 1761 a Provisão Real que mandou criar um curato na extinta fazenda dos padres jesuítas, vulgarmente chamada Engenho Velho, substituindo-se depois, em 04 de maio de 1762, por uma vigararia encomendada até 1795. A Capela de São Francisco Xavier serviu depois de 1759 de sede paroquial da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, da qual fazia parte o Engenho Velho, confinando suas terras. Os primeiros batizados na Matriz da freguesia realizaram-se em 1808, no templo acanhado e paupérrimo que então existia.

IGREJA DE SANTO AFONSO MARIA DE LIGNORI – RUA MAJOR ÁVILA –
TIJUCA

Localizada na Rua Major Ávila, canto da Rua Barão de Mesquita. A primeira pedra foi lançada a 25 de março de 1904, pelo Cardeal D. Joaquim Arcoverde. Inaugurada a 2 de junho de 1907 pelo mesmo Cardeal. Pertence aos padres redentoristas. Aliás, foi erguida por iniciativa do redentorista Padre Francisco Lahmeyer, com a ajuda da família do Barão do Bom Retiro, em cuja casa, na Praça Sãos Peña, se hospedaram os seus primeiros padres, e em terras de D. Elisa, filha do Barão de Mesquita, doadora também ao bairro da Rua Santo Afonso ao lado.

Destaca-se pelo seu apurado estilo neogótico italiano, com requintada decoração interior em mármore, vitrais e pinturas murais. Suas missas dominicais eram disputadas pela população tijuca no início do século XX, e geralmente depois os fiéis rumavam para a Praça Sãos Peña, inaugurada em 1911, onde, num coreto, uma banda tocava dobrados.

Milton de Mendonça Teixeira.